



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE
NAQUIZIA PAULO MIRANDA

**O BRASILEIRO, A CORDIALIDADE E SUAS
CONTRADIÇÕES**

ARIQUEMES - RO
2016

Naquizia Paulo Miranda

**O BRASILEIRO, A CORDIALIDADE E SUAS
CONTRADIÇÕES**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel.

Prof.^a Orientadora: Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes

Ariquemes - RO

2016

Naquizia Paulo Miranda

O BRASILEIRO, A CORDIALIDADE E SUAS CONTRADIÇÕES

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente-FAEMA como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a. Orientadora: Ms. Ana Claudia Yamashiro
Arantes
Faculdade de Educação e Meio Ambiente-FAEMA

Prof.^a Ms. Eliane Alves Almeida Azevedo
Faculdade de Educação e Meio Ambiente-FAEMA

Prof. Esp. Oliveira Lima de Melo
Faculdade de Educação e Meio Ambiente-FAEMA

Ariquemes, 01 de dezembro de 2016.

Ao meu filho, *Daniel Paulo dos Santos*,
pelo amor, carinho, companheirismo e por
toda felicidade, força e motivação que sua
existência me proporciona.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a *DEUS* por tornar esse momento possível, por me dar força mesmo nos momentos mais difíceis.

A meu filho, *Daniel Paulo dos Santos*, pelo apoio e compreensão. Pelas noites de sono, que mesmo tão jovem já teve que suportar, pela companhia na volta para casa depois de um dia cansativo de aula, por me proporcionar os melhores risos quando as coisas estavam ficando difíceis. Obrigada!

À Professora Orientadora Ms. *Ana Claudia Yamashiro Arantes*, pela dedicação, paciência (e quanta paciência!), pelos livros emprestados, pelos e-mails de madrugada, por fazer parte diretamente da construção deste trabalho que representa o fechamento do ciclo de uma etapa importante em minha vida, sou-lhe muito grata!

Não tenho palavras que possam traduzir com precisão o quão agradecida sou pelo privilégio de conhecer, conviver e, claro, aprender com minha querida Coordenadora, supervisora de estágio, professora, mentora, inspiração: Ms. *Carla Patrícia Rambo*, por me acolher, acalmar e incentivar, sempre que precisei, ainda quando nem mesmo eu sabia o quanto estava precisando, você sempre estava lá, sempre sabia o que e quando dizer, perguntar, ouvir e calar. Nunca entendi como você me entende tão bem e por isso não preciso explicar, nem falar, apenas sentir.

Aos meus amigos, colegas e parceiros desde o início do curso e além: *Gabriele Pacheco Santos, Ruskaia Martins Jesus e Wellington Dias Lima*, pela amizade, força e incentivo. Obrigada!

Agradeço a todas as pessoas importantes da minha vida que não precisam ser citadas para saber o quanto são especiais, pois cada uma já sabe o lugar que ocupa em meu coração e em minha vida, obrigada por fazerem parte disso, é muito importante ter com quem contar.

A todos que, de algum modo, colaboraram para a realização e finalização deste trabalho, eu agradeço!

*Mais cedo ou mais tarde tudo se transforma no seu
contrário.*

Carl Gustav Jung

RESUMO

O Brasileiro é conhecido por sua alegria, vivacidade, irreverência, carisma, ou seja, por sua *cordialidade*. Essa noção unicamente positiva da cordialidade brasileira foi discutida por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, publicado em 1936. Oitenta anos após a publicação de *Raízes do Brasil* ainda se configura importante trazer à tona as discussões pontuadas pelo autor, como forma de refletir acerca das contradições existentes entre essas características identitárias e a violência instalada na contemporaneidade do país. O presente trabalho pretende participar dessas discussões com base nas características culturais que vêm sendo constituídas desde o período da colonização do Brasil, a partir da visão de Sérgio Buarque de Holanda. Como meio de facilitar a didática do trabalho o desenvolvimento da temática se deu da seguinte maneira: inicialmente será trazida a perspectiva sociológica que Sérgio Buarque de Holanda apresenta em *Raízes do Brasil* enfatizando a *cordialidade*; posteriormente discutir-se-á a contradição das atitudes do brasileiro em contraste com as características, exclusivamente, positivas atribuídas a sua identidade; para finalizar pretende-se fazer a reflexão acerca do caso do estupro coletivo que aconteceu no Rio de Janeiro, ponderando sobre essa expressão violenta da cordialidade.

Palavras-chave: Cordialidade, Contradição, Brasileiro

ABSTRACT

The Brazilian people are known for its joy, liveliness, irreverence, charisma, in other words, for their cordiality. This only positive notion of the Brazilian cordiality was discussed by Sergio Buarque de Holanda in *Raízes do Brasil*, published in 1936. Eighty years after his publication of *Raízes do Brasil*, it is still important to bring up the discussions punctuated by the author, as a way to reflect upon the contradictions that exist between these features of identity and violence in the Brazilian contemporaneity. The present research intends to participate at these discussions on the basis of the cultural features that have been incorporated since the period of the Brazilian colonization, from the Sergio Buarque de Holanda point of view. As a means to make easier the organization of the research, the thematic will be present as follows: Initially it will be brought the sociological perspective of Sergio Buarque de Holanda in *Raízes do Brasil* by emphasizing the concept of cordiality; Afterwards, it will be discussed the contradiction of Brazilian attitudes in contrast with the exclusively positive traits attributed to its identity; Finally, it will be made an consideration about the collective rape that happened in Rio de Janeiro, pondering about this violent expression of the cordiality.

Key words: Cordiality, Contradiction, Brazilian

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
2 OBJETIVOS	11
2.1 GERAL	11
2.2 ESPECÍFICOS	11
3. METODOLOGIA	12
4. REVISÃO DE LITERATURA	13
4.1 O BRASILEIRO: CARACTERÍSTICAS DA IDENTIDADE BRASILEIRA SEGUNDO A PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA EXPOSTA EM RAÍZES DO BRASIL.....	13
4.1.1 A cordialidade	15
4.2 AS CONTRADIÇÕES.....	17
4.3 A CULTURA DO ESTUPRO COMO RESULTADO (?) DO <i>SER CORDIAL</i>	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28
ANEXOS	31

INTRODUÇÃO

O Brasil é conhecido mundialmente como o país do carnaval, do futebol, de gente feliz e calorosa, em outras palavras se poderia dizer que o povo brasileiro é Cordial. A maioria das pessoas entende tal colocação como elogio: se o povo brasileiro é cordial, é um povo que sabe lidar com as pessoas de forma amistosa, que sabe receber visitantes. Sérgio Buarque de Holanda (1995) discorda dessa bondade excessiva que é atribuída a esse povo tão movido por seus extremos. Holanda buscou a origem da palavra cordial e identificou que está relacionada ao coração, ou seja, uma pessoa cordial é movida pelas emoções. Inicialmente, pode-se pensar que a ideia de bondade responde ao que propõe a origem da palavra, no entanto, quando se analisa um pouco mais de perto, chega-se à conclusão de que no coração não incidem apenas sentimentos bons, portanto uma pessoa cordial pode ser, ao mesmo tempo, muito afável, mas igualmente muito violenta.

Por lidar com os extremos, o homem cordial pode exibir comportamentos contraditórios. O fato de ser amigável faz com que o brasileiro aja de forma familiar com todos, não respeitando os limites que separam a esfera pública da privada. A pessoa cordial acredita ter liberdade para agir publicamente da mesma maneira que agiria se estivesse em sua casa com sua família, e por não saber separar seus sentimentos, acaba por não respeitar hierarquias. No entanto, ao mesmo tempo, quer ser respeitado como alguém que está acima das regras ou leis. Isso faz com que, ao sentir que sua “posição social”, por exemplo, está sendo de alguma forma ameaçada ou “desrespeitada”, ainda que esse *desrespeito* seja apenas uma tentativa de aplicar uma regra que deve ser igual para todos, o sujeito cordial busca reafirmar sua posição fazendo a seguinte pergunta: “você sabe com quem está falando?”. Essas e outras características, em sua maioria contraditórias, podem ser observadas no brasileiro, um povo tão *cordial*.

A reflexão sobre a temática se faz necessária na busca da compreensão sobre as consequências que essa dualidade pode acarretar para o indivíduo, como esse sujeito lida com essa intensidade de sentimentos contrários e como, a partir disso se dá o seu relacionamento com o outro quando suas atitudes são questionadas ou sua *superioridade* não é reconhecida.

Como forma de exemplificar, será trazido à discussão o caso recente de extrema violência: que aconteceu no Rio de Janeiro no mês de maio deste mesmo ano: o caso do estupro coletivo no, que além da violência em si, deu abertura a outras discussões, como por exemplo, o modo insano do sujeito satisfazer sua necessidade de sentir-se superior; a postura da sociedade na busca por culpados, culpabilizando inclusive a vítima; a naturalização cultural da violência contra a mulher; o lugar da mulher numa sociedade que se constituiu a partir do modelo de família patriarcal.

O presente trabalho pretende participar dessas discussões com base nas características culturais que vêm sendo constituídas desde o período da colonização do Brasil, a partir da visão de Sérgio Buarque de Holanda e algumas pontuações de Gilberto Freyre. Como meio de facilitar a didática do trabalho o desenvolvimento da temática se deu da seguinte maneira: inicialmente será trazida a perspectiva sociológica que Sérgio Buarque de Holanda apresenta em *Raízes do Brasil* enfatizando a *cordialidade*; posteriormente discutir-se-á a contradição das atitudes do brasileiro em contraste com as características, exclusivamente, positivas atribuídas a sua identidade; para finalizar pretende-se fazer a reflexão acerca do caso citado acima.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

Compreender, a partir da cordialidade, a contradição existente entre as características atribuídas à identidade do povo brasileiro e o seu comportamento diante de situações conflituosas.

2.2 ESPECÍFICOS

- ✓ Discriminar as características que compõem a identidade brasileira segundo a sociologia de Sérgio Buarque de Holanda.
- ✓ Conceituar o termo cordialidade.
- ✓ Discutir a contradição existente entre as características, unicamente positivas da cordialidade, atribuídas à identidade do povo brasileiro e a violência.
- ✓ Exemplificar, por meio de caso real de violência contra a liberdade sexual da mulher, as consequências de *ser cordial*.

3 METODOLOGIA

O trabalho em questão foi desenvolvido por meio de revisão bibliográfica, com a utilização de artigos publicados em revistas científicas e livros que abordam a temática proposta; as referências encontradas que não faziam jus à temática foram excluídas.

Como critérios de seleção do material levou-se em consideração, além da relação com a temática, o ano de publicação, optando-se, pelas publicações mais recentes com exceção das obras clássicas como *Raízes do Brasil*, publicado pela primeira vez em 1936, e *Casa Grande e Senzala*, que teve sua primeira publicação três anos antes, em 1933. Também foram utilizados outros livros cujas datas compreendem o período entre os anos de 1986 e 2016.

Os demais materiais consistem em artigos científicos disponibilizados nos seguintes bancos de dados: *Cientific Eletronic Library Online* (SCIELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Google Acadêmico, Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), Revista Crítica Cultura. Como descritores foram utilizadas as seguintes palavras: cordialidade, Sérgio Buarque de Holanda, personalismo e contradições.

Para melhor compreensão da proposta do trabalho optou-se pela inclusão de um caso real, de grande repercussão, retirado do site de notícias BBC Brasil por apresentar maior fidedignidade ao ocorrido.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 O BRASILEIRO: CARACTERÍSTICAS DA IDENTIDADE BRASILEIRA SEGUNDO A PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA EXPOSTA EM RAÍZES DO BRASIL

Quando se fala em buscar as origens, ou as raízes, das características da identidade brasileira, não há como deixar de citar Sérgio Buarque de Holanda com seu “clássico de nascença”¹ *Raízes do Brasil*.

Publicado pela primeira vez em 1936, *Raízes do Brasil* apresenta algumas dicotomias sobre as quais a identidade brasileira foi se constituindo. Para Sergio Buarque de Holanda as *raízes* da identidade brasileira não têm sua origem nessas terras, são na verdade herança de outros povos, povos que trouxeram “de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias [...] somos ainda hoje uns desterrados em nossa própria terra”. (HOLANDA, 1995, p. 31)

Nessa perspectiva, o autor de *Raízes do Brasil* pontua que qualquer tentativa de evolução da sociedade brasileira nada mais é que a reprodução das formas de convívio dos povos Ibéricos, cujas próprias raízes se desenvolveram “quase às margens das congêneres europeias e sem delas receber qualquer incremento que já não trouxesse em germe.”. (HOLANDA, 1995, p.31)

Não tendo os próprios colonizadores qualidades calcadas em uma tradição, desenvolveram para si, e deixaram como herança aos brasileiros, características bem peculiares. A cultura da personalidade extrema é trazida por Holanda (1995) como uma forte característica desse legado. Trata-se, por assim dizer, do culto ao personalismo, ao individualismo: o sujeito acredita que, nele há algo de único, de especial e que ele, por si só, se basta.

Essa ideia de superação, que é muito valorizada no Brasil, é um exemplo dessas características herdadas desses povos. Trata-se da ideia de que o indivíduo deve vencer por seu próprio esforço, sem precisar depender de ninguém (HOLANDA, 1995). A partir dessa concepção, surge outra característica que pode ser facilmente observada até hoje no Brasil: a forma frouxa de organização, visto que se cada um deve se superar sem precisar da ajuda de ninguém. Fica

¹ Assim se referiu Antônio Cândido no texto que substituiu o prefácio, também de sua autoria, da quarta para a quinta edição de *Raízes do Brasil* (HOLANDA, 2016).

praticamente impossível, de acordo com o autor, haver contrato durável sem a intervenção de uma força superior que seja temida, eis o papel do governo.

Fica evidente a característica contraditória da identidade brasileira quando há, como dito, a valorização do indivíduo com sua capacidade de superação, ao mesmo tempo em que se necessita de um *outro* superior capaz de estabelecer a ordem. Mas as dualidades não param por aí.

Ao mesmo tempo em que valoriza a individualidade, descolando-se de sua família na medida em que se permite tratar pelo primeiro nome ao invés do nome de família - como em países mais conservadores- o brasileiro busca familiarizar todas as relações, a fim de obter vantagens por meio dessa intimidade.

Essa característica de familiarização pode ser observada, inclusive, no modo de falar. Em uma tentativa de aproximação tanto de pessoas quanto de objetos, faz-se o uso exagerado do diminutivo das palavras, utilizando, por exemplo, a terminação “inho”. Karnal (2016), ao citar o autor de *Raízes do Brasil*, fala sobre essa questão e exemplifica, através de sua vivência como professor, o comportamento de alunos de várias partes do Brasil que ao terminar o tempo de uma prova, se recusam a entrega-la quando solicitados a fazê-lo, no entanto essa recusa se dá de forma *cordial*, não há um enfrentamento direto da autoridade do professor, utiliza-se para tanto o diminutivo, a fim de parecer simpático ao desobedecer um regra imposta, quando os alunos pedem que o professor: espere mais um *pouquinho*. Esse comportamento pode ser observado no brasileiro quando este está no trânsito, ao parar um *tempinho* em cima da faixa, ou no trabalho quando se chega uns *minutinhos* atrasado.

Essa necessidade de aproximação intimista pode ser observada, inclusive na religiosidade que Holanda chama de “uma proximidade quase desrespeitosa”. Sobre essa questão, o autor novamente faz comparação, sublinhando o antagonismo, à cultura japonesa: “onde o ritualismo invade o terreno da conduta social para dar-lhe mais rigor. No Brasil é precisamente o rigorismo do rito que se afrouxa e se humaniza.”. Ou seja, enquanto no Japão há quase um ritual no trato social, tamanha a distância existente entre as pessoas, no Brasil a proximidade se dá inclusive com as divindades (HOLANDA, 1995, p.149).

O personalismo extremo traz em seu bojo uma série de contradições tanto em definições quanto em atitudes. Comportamentos impulsivos que vão de um

extremo ao outro em um segundo, sem a mediação da racionalidade, da paixão ao ato violento, típica característica da cordialidade.

“A contribuição brasileira para a civilização será a cordialidade” - Sérgio Buarque de Holanda (1995, p.146) cita a frase de Ribeiro Couto não como um elogio ao povo brasileiro, pois traz a *cordialidade* por outra perspectiva, em seu sentido mais completo.

4.1.1 A Cordialidade

A expressão *homem cordial* se tornou mais conhecida quando empregada por Sérgio Buarque de Holanda, mas não foi ele o primeiro a utilizá-la. Ribeiro Couto a citou em uma carta escrita no início da década de 1930, endereçada ao diplomata mexicano Alfonso Reyes. (MONTEIRO; SCHWARCZ, 2016). Nesta carta Ribeiro Couto trazia o *Homem Cordial* da forma como é compreendido hoje: pessoas hospitaleiras, bondosas e sem preconceitos que

[...] gostam de conversar, de fumar parados, de ouvir viola, de cantar modinhas, de amar com pudor, de convidar o estrangeiro a entrar para tomar café, de exclamar para o luar em noites claras, à janela: – Mas que luar magnífico!”. (COUTO apud BEZERRA, 2005, p. 126)

Essa interpretação da cordialidade dada por Ribeiro Couto pode ter sido uma das razões de, no Brasil, essa palavra receber características ou interpretações diferentes das de sua origem, ou pelo menos não é caracterizada ou interpretada em sua totalidade, uma vez que o brasileiro, assim como fez Ribeiro Couto, atribui ao *homem cordial* apenas as características positivas que o compõem.

Uma pesquisa conduzida por Giraldi et. al (2011 apud SUTTER; MACLENNAN; POLO, 2015), realizada com estudantes holandeses, buscou compreender que visão esses estudantes têm sobre o Brasil. A partir das respostas dos estudantes foram criadas as seguintes categorias: população, política, natureza, esportes e economia - de maneira que o tema *população*, para a qual se pretende chamar a atenção, se subdividia em três categorias, as quais: cultura, comida e carnaval; mulheres, a sensualidade e beleza das brasileiras; e receptividade, na qual se destaca a hospitalidade e afetividade desse povo.

Essa afetividade atribuída ao brasileiro seria mais uma característica dessa cordialidade na forma em que se popularizou. Quando se ouve a palavra cordialidade, automaticamente se tem a ideia de gentileza, educação, afabilidade, ou seja, algo unicamente agradável ou bom. Não poderia ser diferente, uma vez que ao buscar no dicionário o significado da palavra a definição encontrada traz exatamente essas características. De acordo com o dicionário Aurélio: cordialidade é qualidade do que é cordial, e cordial, por sua vez, está relacionado ao que é pertencente ao coração, deriva do latim *cordiale* que tem por definição aquele que é afetuoso, afável, sincero e franco. (FERREIRA, 2010).

Dessa forma vê-se que a origem da palavra também deixa margem a essa interpretação unicamente positiva da cordialidade, uma vez que a relaciona ao coração. Quando se fala em coração dificilmente se imagina algo negativo, de maneira geral acredita-se que uma pessoa movida pelo coração nutre somente bons sentimentos. De acordo com essa linha de pensamento, homem cordial é aquele que se deixa levar por suas paixões, é receptivo, caloroso, afetuoso, capaz de expressar sentimentos amigáveis inclusive com estranhos.

Para Sergio Buarque de Holanda (2016) essa interpretação está apenas parcialmente correta, pois para ele “a inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do coração” (p. 400). O autor defende a ideia de que a cordialidade possui características contraditórias, que o homem pode ser *cordial* quando é afetuoso, mas não deixa de sê-lo quando age de forma violenta.

O brasileiro, de acordo com Souza (1999), se nega a ver a parcela negativa, por assim dizer, da cordialidade, pois tem a alegria, por exemplo, como obrigação. Dessa forma exclui qualquer possibilidade de um eu violento e valoriza aqueles que são capazes de controlar esses impulsos. A autora afirma ainda que sempre que o brasileiro age de forma *não-cordial*, a culpa é atribuída a uma pessoa ou um pequeno grupo, de maneira que fique claro que não representam esse povo tão pacífico.

O historiador Leandro Karnal (2011) pontua essa questão ao citar a resistência brasileira a utilizar a expressão guerra civil em todos os movimentos históricos aos quais poderia ter sido empregada. Sendo guerra civil a luta de um povo da mesma nação, não foram poucas, nem amenas, as que o Brasil vivenciou; no entanto, foram utilizados eufemismos para caracterizar tais movimentos como

eventos isolados, ou seja, não seriam característicos do país, não pertenceriam a esse povo. É como se no Brasil, como um todo, não houvesse violência, apenas alguns grupos que possuem características que não fazem parte, verdadeiramente, da identidade brasileira.²

Sobre essa questão, cabe trazer à tona os conceitos de *sombra* e *persona*, presentes na Psicologia Analítica formulada por Carl Gustav Jung como representantes desta dinâmica identitária. Segundo a formulação de Jung, a *persona* seria uma espécie de eu social que se formou a partir das adaptações do sujeito às normas sociais, não fazendo uso de nenhum aspecto da personalidade que não seja aceitável por seu meio social. A *Sombra*, por sua vez, é esse outro lado da personalidade que o sujeito acreditou que seria inaceitável para a sociedade, e tornou, portanto, inaceitável para si mesmo. (OCAÑA, 2008). De acordo com Franco (2006), quando tenta enxergar sua sombra o sujeito passa a ter consciência dos impulsos que não admite possuir, consegue, porém, vê perfeitamente esses impulsos no outro, projetados e rejeitados ou mesmo vangloriados de forma extremamente afetiva.

Dessa forma, a partir desta breve alusão, pode-se dizer que, embora o brasileiro lance mão de sua *persona* para se apresentar para o outro por ser movido por seus impulsos e pela busca de aceitação social, deixa, por assim dizer, escapar aspectos de sua *sombra* identificando-os a outrem, podendo vir a agir motivado por suas emoções (sejam elas quais forem) e configurando verdadeira contradição de comportamento, pois como aspecto da cordialidade, transita entre os dois extremos.

4.3 AS CONTRADIÇÕES

Como foi possível observar, a identidade brasileira é permeada por muitas contradições e por algumas oposições. Chauí (2004), ao distinguir *oposição* de *contradição*, termos que geralmente são tidos como sinônimos, menciona a oposição tal como se compreende popularmente, ou seja, quando há dois termos distintos com características e existência independentes que ao se encontrarem se

² O Ódio no Brasil. Palestra da série As Razões do Ódio, de Luiz Felipe Pondé. Gravada no dia 23 de setembro de 2011. Disponível em: <<http://www.institutocpfl.org.br/cultura/2012/05/28/o-odio-no-brasil-leandro-karnal/>>

opõem entre si. A contradição, por sua vez, é aludida pela filósofa como uma relação da qual não se pode tomar os termos contrários separadamente, visto que a existência de um depende da negação interna da realidade do outro, como exemplo Chauí (2004) menciona a respeito da relação dialética hegeliana entre senhor e escravo

[...] o escravo é o não-senhor e o senhor é o não-escravo e só haverá escravo onde houver senhor e só haverá senhor onde houver escravo [...]quando o senhor afirma que o escravo não é homem, mas um instrumento de trabalho, e somente quando o escravo afirma sua não humanidade, dizendo que só o senhor é homem, temos contradição. (CHAUÍ, 2004, p. 15-16).

No caso do brasileiro cordial, a contradição está na negação interna da violência para existência da afabilidade. É possível observar no brasileiro a resistência em se assumir como um povo violento ou preconceituoso, mas ao ser definido como o país do carnaval e do futebol, assume prontamente tais características, como se corresse nas veias.

O brasileiro gosta de ser visto como esse povo cordial, no sentido atribuído por Ribeiro Couto (discutido anteriormente), e, dessa forma, se vê como uma nação civilizada, visto que se trata de uma nação miscigenada e por essa razão não teria como haver preconceitos *raciais*, por exemplo. Afinal, foi no Brasil que, de acordo com Cleary (1999), se desenvolveu a celebração da mestiçagem.

No entanto, há também contradição nessa crença, pois ser cordial não significa ser civilizado. Holanda (1995) pontua a diferença entre os termos, cordialidade e civilidade, ao dizer que civilidade seria demonstração de respeito e reverência de forma polida, característica que, segundo o autor, o brasileiro estaria distante de possuir. O tipo de reverência exigido para agir de forma polida seria inaceitável para os brasileiros, o que para os japoneses - comparação feita pelo autor - é quase como um ritual religioso. O brasileiro tem aversão à reverência social; pode até vir a admitir de bom grado em determinada situação, desde que não exclua a possibilidade de um convívio de forma familiar.

Essa transferência do convívio familiar da casa para outros ambientes foi discutida por DaMatta (1986). Para o autor, há uma contradição entre a casa e a rua. O brasileiro enxerga sua casa como um lugar único, o qual possui características exclusivas: algum detalhe que a diferencia dos outros lugares ou das outras casas.

Trata-se de um lugar no qual o indivíduo se sente seguro porque os limites estão bem definidos; sente que faz parte de um grupo pelo qual é aceito e respeitado, pois pertence a uma família. A casa é o local onde se apreende a *moral* e os *bons costumes*, certo e errado, e como traz o autor, a “honra” e a “vergonha”, e isso o determina na sociedade. Ao contrário da rua, a casa é o lugar onde a desavença, desordem e a competição dão espaço para o amor e a harmonia.

Karnal (2011) fala acerca dessa *onipotência* apropriada, no sentido de apropriar-se, pelo brasileiro, ao discutir o “Ódio no Brasil”. Diz que o brasileiro assume, sim, a existência do ódio, mas apenas o outro o possui: não haveria violência na casa, no bairro ou na cidade daquele que narra, mas ele é capaz de observar situações de extrema violência na casa, bairro ou cidade vizinha.³

O brasileiro vê a rua como um lugar imprevisível, onde tudo acontece fora de seu *controle*; além disso, “é o local do castigo, da ‘luta’ e do trabalho. O trabalho, por sua vez, embora seja necessário para o sustento da casa, no Brasil é visto como uma forma de castigo. Essa concepção se deve, entre outras razões, à origem latina da palavra, uma vez que é derivada de *tripaliare*, cujo significado está relacionado a um instrumento de tortura chamado *tripaliu*⁴ utilizado na Roma antiga.” (DAMATTA, 1997, p. 93).

Na Grécia o trabalho servia como parâmetro para a divisão da sociedade entre cidadãos e escravos. Os primeiros eram dignos, pois eram livres do trabalho, os segundos eram vistos como não-humanos, pois deveriam se dedicar ao trabalho como modo de existência, eram, portanto, comparado a animais (BARBOSA, 2002).

No Brasil essa visão negativa do trabalho foi ainda mais reforçada com o sistema escravocrata, no qual as pessoas descentes eram aquelas que não realizavam trabalhos manuais. (DAMATTA, 1986)

A relação de trabalho não se resumia entre patrão-empregado, ia, além disso, a uma relação de posse: o patrão era também dono e responsável moral de seu escravo. Com isso, a relação deixa de ser puramente econômica e vai ao

³ O Ódio no Brasil. Palestra da série As Razões do Ódio, de Luiz Felipe Pondé. Gravada no dia 23 de setembro de 2011. Disponível em: <http://www.institutocpfl.org.br/cultura/2012/05/28/o-odio-no-brasil-leandro-karnal/>

⁴ Instrumento de tortura que consiste num gancho de três pontas, cuja função é a evisceração ou a retirada e exposição das tripas, região de intensa dor e de lenta agonia. Foi criado e utilizado durante a Inquisição (BONZATTO, 2011).

encontro da moral, causando certa confusão na forma de se relacionar nesse ambiente, como pode ser observado nas palavras do próprio autor

Creio que isso embebeu de tal modo as nossas concepções de trabalho e suas relações que até hoje misturamos uma relação puramente econômica com laços pessoais de simpatia e amizade, o que confunde o empregado e permite ao patrão exercer duplo controle da situação. Ele assim pode governar o trabalho, pois é quem oferece o emprego, e pode controlar as reivindicações dos empregados, pois apela para a moralidade das relações pessoais que, em muitos casos, e sobretudo nas pequenas empresas e no comércio, tende a ofuscar a relação patrão-empregado. (DAMATTA, 1986 p. 22).

A relação de familiaridade no ambiente de trabalho é característica da unificação que o brasileiro promoveu do espaço privado com o público. No Brasil, essas duas palavras, público e privado, não são contrárias tanto quanto deveriam. Uma vez que a familiaridade brasileira está presente em todos os âmbitos, o espaço público seria uma extensão do espaço privado. Começam aqui a ficar claras algumas atitudes do brasileiro, que tem grande dificuldade em fazer essa distinção, deixando-se sempre levar pelos interesses pessoais, independentemente do espaço que ocupa.

Uma das consequências dessa falta de limites é a corrupção, que vai desde desvio de grandes quantias em dinheiro por parte dos políticos corruptos, até o famoso *jeitinho brasileiro*. Sempre movido por interesse próprio, o brasileiro busca alternativas rápidas e fáceis para solucionar seus problemas, ou para se beneficiar de alguma forma em determinada situação. O *Jeitinho*, de acordo com Oliveira e Martins (2009), nada mais é, do que uma forma pela qual a cordialidade burla a burocracia, valendo-se da pessoalidade das relações, em busca de alcançar objetivos pessoais. Por ser avesso às distâncias, necessárias para um convívio, verdadeiramente, civilizado, o brasileiro tende a pensar que está acima da lei ou da ética, seja por possuir *status*, seja por ser muito íntimo de alguém que de fato o possua. Ao acreditar nisso, acredita também que mesmo que o ato cometido, ou que pensa em cometer, não fique impune, há sempre como se dar um *jeitinho* de resolver, a fim de minimizá-lo, recorrendo a uma relação de pessoalidade – afinal, como se diz, *uma mão lava a outra*. E essa *mão* necessitará ser *lavada* em algum momento como afirma Barbosa (1992) há uma reciprocidade direta na troca de favores, pois aquele que recebe o favor sente-se em dívida com o quem o prestou. Dessa forma se estabelece uma hierarquia na qual o devedor fica em situação

inferior ao seu credor, mesmo que venha a retribuir essa relação nunca será desfeita. Karnal (2013) cita Foucault ao expor acerca do peso da gratidão: o sujeito que, por exemplo, empresta dinheiro a outro que passa por um momento de dificuldade financeira, será sempre, na lembrança do que tomou o empréstimo, aquele que presenciou seu fracasso, ainda que essa dívida seja paga.

No caso do *jeitinho*, Barbosa (1992) afirma que, o sujeito, mesmo que nunca tenha recebido o favor em forma de *jeitinho*, se sentirá na obrigação de fazê-lo pelo outro como uma forma de garantia de que se um dia precisar será retribuído.

O “*jeitinho*” seria mais uma característica que corrobora com o que foi dito por Holanda (1995) acerca do pavor do brasileiro às distâncias, às relações de impessoalidade. De acordo com Oliveira e Martins (2009), o *jeitinho* é a forma cordial que o brasileiro tem para lidar com as relações formais. Dominadores e dominados, cada um em seu extremo, dão sempre um *jeitinho* de atender seus interesses; os primeiros utilizam as leis em benefício próprio, os segundos se utilizam da cordialidade na tentativa de escapar dos rigores da lei. Os dominados se utilizam da pessoalidade como forma de tornar a relação com os dominadores mais familiar, a fim de diminuir a distância entre eles.

Uma característica, ou consequência, dessa familiaridade é que, como já foi dito, o homem cordial faz do espaço público uma extensão de sua casa, não tendo o menor respeito pelas leis ou pelo espaço do outro. Quando esse indivíduo possui alguma posição de destaque na sociedade se sente como se estivesse acima da lei; mas quando não é reconhecido dessa forma, o sujeito sente a necessidade de reafirmar sua posição, e, para assegurar sua “autoridade”, dispara a famosa pergunta: *você sabe com quem está falando?*

Essa pergunta, muito utilizada no Brasil, pretende fazer uma separação que DaMatta (1997) define como “radical e autoritária” de posições sociais. Tal expressão, de acordo com o autor, é mais uma forma velada de preconceito, mais uma característica da identidade brasileira que é preferível deixar *embaixo do tapete*, pois contradiz àquelas que definem esse povo como festivo e amoroso - trata-se da “negação do ‘jeitinho’ e da ‘malandragem’” (p.182).

No *jeitinho* brasileiro de resolver as coisas e no *você sabe com quem está falando?* existem características que deixam clara a contradição do brasileiro. Quando pede para dar um *jeitinho* o sujeito se utiliza da proximidade que tem com o outro a fim de alcançar seu objetivo. No entanto, ao perguntar *você sabe com que*

está falando? o intuito do sujeito é mostrar a distância existente entre ele e o outro, de maneira que esse outro compreenda qual é o seu lugar, que, na perspectiva do sujeito que pergunta, é abaixo do dele.

Esses são alguns típicos comportamentos característicos da cordialidade brasileira, através dos quais o brasileiro é conhecido internacionalmente, que são fortemente reforçados pela mídia que vende um Brasil festivo, receptivo e hospitaleiro. A partir do exposto, pode-se inquirir como se externam as contrariedades de tal povo que “vive em festa”; nesta medida, como o “*país do carnaval e do futebol*” lida com seus problemas? Haveriam momentos em que tal indivíduo, formado em meio a esta expressão cultural, utilizasse do “direito” de não ser “cordial” para fazer valer, de forma agressiva, uma distinção informal? E neste caso, poderíamos sinalizar que tal indivíduo se comportaria de forma livre, ou estaria ele apenas atuando a contraposição inerente ao conceito ambíguo da cordialidade?

4.4 A CULTURA DO ESTUPRO COMO RESULTADO (?) DO *SER CORDIAL*

A cultura brasileira conforme vem sendo constituída sempre colocou a mulher como ser inferior aos homens. São resquícios da família patriarcal que à mulher não era dado o direito se quer a falar na presença dos mais velhos; às meninas, “[...] negou-se tudo que de leve parecesse independência”. (Freyre, 2003, p. 510)

O que esperar de um povo cuja cultura vem sendo constituída por ideias tão extremas quanto a necessidade de subjugar o outro como meio de sentir-se superior? Quais são as consequências de o outro ser apenas um meio para um fim? Os recorrentes casos de violência sexual, em sua maioria contra mulheres, são frutos dessas raízes?

O comportamento de um povo movido por suas paixões, ou por sua cordialidade, transita entre extremos. Se o homem-cordial pode aparentar ser o sedutor, ao modo do bom amante, também poderia, no caso de ter seus favores sexuais negados, reagir com violência, punindo o *objeto* de sua atenção por não lhe retribuir seus interesses? Será que poderíamos pensar que os crescentes casos de estupros e abusos sexuais no país poderiam ser explicados, ao modo de um recuo histórico-cultural, às raízes da própria relação personalista brasileira baseada no

sistema escravocrata? Ou seja, será que a violência cometida contra a mulher e as crianças não seriam elas mesmas uma repetição (arquetípica?) do tipo de relação fundante de nossa nação?

A fim de possibilitar tais reflexões, faz-se importante a apresentação de um caso de violência sexual que teve grande repercussão, tanto nacional, quanto internacional, que ocorreu no Rio de Janeiro neste mesmo ano corrente.

Um estupro coletivo de uma jovem de 16 anos chocou o Rio de Janeiro e causou comoção nas redes sociais após imagens do crime terem sido divulgadas pelos próprios suspeitos no Twitter. O vídeo, que foi amplamente compartilhado nas redes sociais, tem cerca de 40 segundos de duração e mostra a garota deitada e desacordada enquanto os rapazes conversam ao fundo. "Engravidou de 30", diz um deles. Em uma das fotos divulgadas também pelo Twitter é possível até ver o rosto de um deles, que posa para a câmera em frente à menina. O fato é ainda mais chocante porque revela a certeza da impunidade de estupradores, segundo a promotora de Justiça e coordenadora do Grupo Especial de Enfrentamento à Violência contra a Mulher (GEVID), do Ministério Público do Estado de São Paulo, Silvia Chakian, que é especialista no tema. [...] Chakian opina que a maneira como o vídeo foi compartilhado pelos suspeitos do estupro, que mostravam "orgulho" pelo crime praticado, é um sinal de como a "violência contra a mulher é naturalizada no Brasil". (MENDONÇA, 2016)⁵

Sendo a violência "naturalizada", talvez fosse lícito apontar a existência de uma sub-reptícia cultura do estupro, disseminada coletivamente a partir das fundações históricas das relações amorosas que as reifica⁶, tornando-as objetos de posse, como permite, porventura, realizar um imperativo escravocrata entranhado no inconsciente coletivo da nação brasileira.

Quanto às reações deste caso, a contraditoriedade do caráter do povo brasileiro fica evidente, pois a partir de uma fatalidade como essa emerge uma série de sentimentos extremados e externados pelo brasileiro de diversas maneiras.

As redes sociais têm sido um dos principais meios que o brasileiro tem encontrado para externar seus sentimentos e opiniões *cordiais*. A sensação de impunidade vivenciada no país em decorrência dos muitos *jeitinhos* de se livrar de um problema, tem feito muita gente *colocar a boca no trombone* se utilizando desses meios de forma reativa e acrítica.

⁵ Fragmento da notícia publicada no site de notícia BBC Brasil no dia 26 maio 2016

⁶ No processo de alienação, o momento em que a característica de ser uma "coisa" se torna típica da realidade objetiva (FERREIRA, 2010, p. 1808).

O caso em questão provocou no povo brasileiro muita revolta, ao mesmo tempo em que foi disparada uma série de julgamentos contra a vítima, discutindo-se desde a veracidade do ocorrido, até “o que a vítima poderia ter feito para *provocar* tal situação”. Ou seja, não se busca entender o que leva um (ou trinta) sujeito(s) a agir com tamanha violência, mas sim “o que a uma menina estava fazendo na rua tarde da noite”. Diversas frases como essas foram publicadas nas redes, tais como “se estivesse em casa ou na igreja isso não teria acontecido”. Estes questionamentos dão continuidade ao ciclo de violência, uma vez que tomam uma violência pública revoltante e a transpõem para o âmbito da vida privada da vítima, questionando a moralidade ou as intenções daquela que, segundo uma ideologia implícita, deveria “ter procurado” pela consequência social. Ao mesmo tempo em que tais posturas isentam os agressores, também agridem, com uma imaginação *voyeurista*, o âmbito privado da vítima.

Infelizmente esse não é o tipo de pensamento de uma pessoa ou de um grupo isolado, mas faz parte de uma formação cultural que veio, com o tempo, se diluindo em discursos aparentemente inocentes, através de músicas, piadas e brincadeiras que mantêm a mulher em uma posição inferior a dos homens e são resquício da família patriarcal, período em que, segundo Gilberto Freyre: “As meninas criadas em ambiente rigorosamente patriarcal (...) viveram sob a mais dura tirania dos pais - depois substituída pela tirania dos maridos.” (FREYRE, 2003 p.510)

Entretanto, embora a reação de condenação violenta possa ser apontada como tipicamente machista, cabe pontuar que não são exclusivamente os homens que sustentam essa posição de inferioridade à mulher nos julgamentos das redes sociais. A violência sempre esteve socialmente disseminada, como pontuava Gilberto Freyre, mesmo as mucamas se aliavam aos meninos contra seus pais, mas delatavam as mulheres aos maridos, muito mais velhos, às vezes até por vingança (FREYRE, 2003).

Esse tipo de pensamento machista, que, como visto, não se limita aos homens, perdura até os dias atuais. Embora de forma um pouco mais velada, a mulher continua sendo colocada na posição de objeto que serve aos desejos dos homens. Essa é a chamada cultura do estupro, na qual a subjugação de uma pessoa a quem se considera mais fraca é naturalizada, de tal forma que a vítima deixa de ser vítima e passa a ser culpada pelo que sofreu.

O número de ocorrências de estupros no Brasil é alarmante. Cerca de 47.646 estupros foram reportados no ano de 2014, e estima-se que cerca de 35% não são notificados, como reportam os dados da 9ª edição do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (BRASIL, 2015). Mas os números podem ser ainda maiores

A Pesquisa Nacional de Vitimização (2013) verificou que, no Brasil, somente 7,5% das vítimas de violência sexual registram o crime na delegacia. A mais recente pesquisa do gênero, “Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde”, produzida pelo IPEA, fala em 10% de casos notificados e estima que, no mínimo, 527 mil pessoas sejam estupradas por ano no país (BRASIL, 2015 p.116)

A cada caso de estupro que ganha repercussão, abre-se uma investigação popular acerca das causas do estupro, e estas giram em torno de: como a mulher estava vestida, que lugares ela frequentava, quais eram suas práticas sexuais, qual é sua conduta no dia-a-dia, dentre outros. Por vezes o criminoso é esquecido, quando não é colocado como uma pobre vítima de seus instintos.

Esse comportamento da sociedade é o que reforça essas expressões violentas da cordialidade brasileira que vem sendo (re)constituída através dos tempos desde o período da colonização. Não se pode mais tratar as mulheres como propriedade, como se fazia largamente naquele período colonial escravocrata, mas será que isso não acontece ainda nos dias de hoje? A tendência natural da cordialidade brasileira é o de não admitir a existência deste lado sombrio cultural, e mesmo casos de grande repercussão nacional são rapidamente esquecidos em meio a festas e comemorações de vitória do time do coração - afinal, esse é o país do futebol, e a alegria a marca de nossa própria alma benfazeja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a presente seção aluda a algo tal como uma *conclusão*, não se pretende concluir, de fato, as discussões levantadas durante o desenvolvimento desse trabalho, visto que a pretensão foi justamente invocar a reflexão não só a respeito das origens do comportamento contraditório do brasileiro, mas também das consequências dessa dualidade.

A maneira pela qual o brasileiro é mundialmente conhecido faz parecer, em primeiro momento, que se trata de um país sem violência, onde todos se amam e se aceitam, fazendo festas, reunindo-se para assistir ao futebol e comer uma boa comida. Porém, como pôde ser observado não são essas as únicas características que compõem a identidade brasileira. Esse é apenas o lado aceitável do brasileiro. O outro extremo, o não aceitável, fica às sombras, pertence a um grupo isolado, não a essa nação.

Mesmo que a violência física ou sexual seja uma expressão extrema da parcela - negada pelo sujeito - da cordialidade, ela não é a única maneira pela qual se apresenta. Como foi visto, o brasileiro sempre busca um *jeitinho* de lidar com seus problemas, mas, para alcançar seus objetivos, precisa antes familiarizar suas relações, torna-las mais pessoais, dada a aversão que se tem das relações de impessoalidade. Além desta camaradagem desejosa de benefícios pessoais, ainda há a necessidade de se sentir superior a outrem em contraste com a falta de limites postos pelo funcionamento das regras e códigos institucionais, apelando para uma ameaça reativa que partiria de seus conhecimentos de pessoas importantes, para as quais as leis são desnecessárias.

À Psicologia, uma reflexão circunstanciada neste âmbito maior da fundação histórico-social da nação seria de extrema valia, uma vez que os programas contra a violência, em termos gerais, não são capazes de gerar o impacto social necessário para produzir uma mudança destes comportamentos – os quais não perpassam, de modo algum, pela reflexão e decisão conscientes. Sendo assim, a fim de garantir uma reflexão estratégica que leve em conta os afetos fundantes do próprio povo –

seu inconsciente coletivo, segundo uma acepção junguiana – faz-se necessário balizar quaisquer ações sociais em políticas públicas capazes de partir deste âmbito educativo mais abrangente, de modo a combater a reificação da figura feminina a partir de um fundamento educativo sólido.

Não foi pretensão do presente trabalho esgotar todas as perspectivas acerca da identidade ou raiz da cultura do Brasil. Reconhece-se as limitações de um trabalho acadêmico, portanto uma investigação mais aprofundada faz parte de planos para projetos futuros, podendo esta monografia ser o ponto de partida, dada a importância dessa reflexão na compreensão, ou na tentativa de compreender, a formação cultural do brasileiro.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil**. 5ª edição, Editora Perspectiva, São Paulo, 2002.

BARBOSA, Livia. **Jeitinho Brasileiro: a Arte de Ser Mais Igual Que os Outros**, Rio de Janeiro, 4ª edição, editora Campus, 1992.

BEZERRA, Elvira. Ribeiro Couto e o Homem Cordial. **Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro**, 2005.

BONZATTO, Eduardo Antonio. TRIPALIUM: O trabalho como maldição, como crime e como punição, **Direito Em Foco**, São Paulo 2011
Disponível em: <http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/direito_foco/artigos/ano_2011/Direito_em_foco_Tripalium.pdf>

BRASIL. Anuário Brasileiro de Segurança Pública, **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, 2015.

CHAUÍ. Marilena. **O Que é Ideologia**, 2004.

CLEARY David. Race, nationalism and social theory in Brazil: rethinking Gilberto Freyre. Cambridge: David Rockefeller Center for Latin American Studies, Harvard University; 1999. Disponível em:
<<http://www.transcomm.ox.ac.uk/working%20papers/cleary.pdf> > Acesso em 02 de novembro 2016.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro**, 6ª ed., Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**, Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio De Língua Portuguesa**, 5ª edição, Curitiba, positivo, 2010.

FRANCO, Petra Vanessa Enke. A Sombra. Curitiba, 2006. Disponível em:
<<http://tcconline.utp.br/wp-content/uploads/2012/07/A-SOMBRA.pdf>> Acesso em: 15 de outubro de 2016.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**, 48ª ed., Pernambuco, Global editora, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**, 26^o ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil: Edição Crítica**, São Paulo, Companhia das Letras, 2016.

KARNAL, Leandro. Empatia, Sociedade Brasileira e Ética Congresso Nacional de Educação de Poços de Caldas, Poços de Caldas- MG, 01 de junho de 2016.

KARNAL, Leandro. O pecado envergonhado: a inveja e a tristeza sobre a felicidade alheia, 2 de abril de 2013.

KARNAL, Leandro. O Ódio no Brasil. *in* PONDÉ, Luiz Felipe. **As Razões do Ódio**. Campinas-SP 23 de setembro de 2011.

MENDONÇA, Renata. 'A Índia é aqui': Impunidade fez estupro coletivo virar motivo de ostentação, diz promotora. BBC Brasil em São Paulo, 26 maio 2016. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36381694>

MONTEIRO, Pedro Meira; SCHWARCZ, Moritz Lilia. Uma Edição Crítica De Raízes Do Brasil: O Historiador Lê a Si Mesmo *in* HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil: Edição Crítica**, São Paulo, Companhia das Letras, 2016.p.11-26.

OCAÑA, Emma Martines. A Sabedoria de Integrar a Sombra. **Fundação Betânia**, caderno 13, Lisboa, 2008. Disponível em:<http://www.fundacao-betania.org/biblioteca/cadernos/pdf/Caderno_13_A_Sabedoria_de_Integrar_a_Sombra_Emma_Ocana.pdf> Acesso em: 15 de outubro de 2016.

OLIVEIRA, Carlyle Tadeu Falcão de; MARTINS, Paulo Emílio Matos. A Hospitalidade e Cordialidade Brasileira: o Brasil Percebido por Estrangeiros. **Turismo em Análise**, v.20, n.2, p. 196-209, 2009. Disponível em: <<http://www.turismoemanalise.org.br/turismoemanalise/article/view/44/45>>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2016.

SOUZA, Mériti de. A Cordialidade Como Mal-Estar Ou A Violência Como O Recalcado. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo-SP: Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental v.2, n.4, p. 123-142, 1999.disponível em: <http://bib.pucminas.br/arquivos/285000/287500/25_287557.htm> Acesso em:05 de fevereiro de 2016

SUTTER, Mariana Bassi; MACLENNAN; Maria Laura Ferranty POLO, Edison Fernandes. Brazilianness: A Look At The Multiple Faces Of The Brazilian National Identity. **Escola Superior de Propaganda e Marketing**. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.espm.br/download/Anais_Simposio_2014/Trabalhos/AT-

[1Marketing_Internacional/1504_ESPM-Marketing.pdf](#)> Acesso em: 23 de outubro de 2016.

ANEXOS